

LIDA E CIÊNCIA

*Écio Elvis Pisetta*¹.

Sinopse: Este artigo aborda dois comportamentos fundamentais do homem: a lida e a ciência. Não faremos uma exposição sobre cada um, mas salientaremos alguns aspectos que nos permitam captar seu modo de ser. Para tanto baseamo-nos na obra *Ser e tempo* de M. Heidegger onde lida e ciência são compreendidas como modos possíveis de ser do ente privilegiado, a *pre-sença* (o *Dasein*). Lida e ciência mantêm uma conexão, mas de que espécie? Heidegger confere à lida um privilégio porque ela apresenta a situação fundamental da realidade. A ciência, por sua vez, depende desta situação prévia para desenvolver suas pesquisas. Ela ocupa um lugar secundário.

Palavras-chave: Filosofia, Heidegger, pre-sença, lida, ciência.

Synopsis: This article approach us to science and handness as two different but fundamental Dasein's ways. We will not make an exposition about each one, but we will demonstrate some aspects that will help us to perceive them. For this purpose we will use some ideas from Martin Heidegger's *Being and Time* where handness and science are understood as two Dasein's ways of being. According to this book we can find a connection between them, but of what sort? Heidegger confers to the handness a privilege because this way of being expresses the fundamental situation of the reality. And the science already depends on this situation for developping his work. Science occupies a secondary place.

Key words: Philosophy, Heidegger, Dasein, handness, science.

1. Introdução.

Sob o título "lida e ciência" examinaremos sucintamente algumas relações possíveis entre a atividade cotidiana do lidar com as coisas e a atividade científica. Estes dois modos de ser serão abordados tendo como pano de fundo o pensamento de Heidegger elaborado, sobretudo, em *Ser e tempo*.

Em *Ser e tempo*, Heidegger pensa um novo modo de acesso e de compreensão do ser. Esta compreensão que pensa a questão acerca da essência do homem não mais como uma

¹ Doutorando em filosofia pelo IFCS-UFRJ.

qüidade, como algo geral e pressuposto e que ocorre em todos os homens individuais, mas como uma tarefa que cada homem já sempre realizou e realiza e tem de realizar, de determinado modo, em sua vida. O homem é então pensado como *pre-sença* (*Dasein*), o ente que continuamente é busca, é questão para si mesmo, não possuindo de antemão uma “essência” já solucionada, dada e decidida para si mesmo. É preciso que o homem, isto é, a *pre-sença*, seja pensada como poder-ser para possibilidades. Segundo esta perspectiva, utilizaremos neste texto o termo *pre-sença* para “*Dasein*”, seguindo a tradução brasileira de *Ser e tempo*. Entendemos que esta tradução conserva em sua etimologia (“pré” e “essere”) a problemática do ser do homem apresentada na obra. Como aparece a *pre-sença* não mais como dotada de qüidade? Ela surge como ocupação, atividade, lida, ação.

Compreendendo um ente como... ela também se compreende como... . Esta é sua situação, sua existência. Sua existência (*Existenz*) não pode ser confundida com a existência das coisas simplesmente dadas. Na existência, *pre-sença* e mundo coabitam. Na existência das coisas simplesmente dadas ou presentes, prescinde-se desta relação. Em cada possível ocupação a *pre-sença* já está sempre remetida a um mundo aberto de possibilidades relacionais. Seu caráter remissivo expressa uma ação conjunta que é geradora, cada vez, de seu ser como ser-no-mundo. Não há um possível "ser" da *pre-sença* que seja prévio a esse caráter remissivo ao mundo.

De onde Heidegger retira esta linguagem, estes conceitos, estas descrições? Da experiência cotidiana. A banalidade do cotidiano, um estrato anterior a toda compreensão “subjetiva” ou “objetiva” é, para Heidegger, o material, o elemento primário que deve ser pensado em sua constituição de ser. Por quê? É ali que nós sempre e antes de tudo nos encontramos. É ali que a *pre-sença* se mostra já sempre atida e ativa nos usos. É ali que a *pre-sença*, de alguma maneira, já começou. Todas as explicações não hauridas da cotidianidade da *pre-sença* situam-se, de antemão, num lugar que deve ser questionado. É o caso da ciência, em sentido amplo. Estas explicações só podem adquirir sentido e justificação desde a cotidianidade, isto é, quando seu direito de ser, sua gênese, for de-monstrada.

2. O comportamento manual.

A manualidade (*Zuhandenheit*), lida, pode ser expressa no termo "ser-para" (*Um-zu*). Esta caracterização instrumental corresponde ao modo de ser de tudo o que está à mão nas diversas ocupações, usos, serventias, lidas diárias. O que está à mão, sendo num uso determinado e desde o uso, é o manual. O ente à mão é, antes de tudo, manual, e não uma coisa em si existente. O uso não experimenta o que está à mão como coisa

em si, mas como algo para... Como usado, algo é para... algo remete para..., algo tem assim seu sentido de ser. Na lida, a existência da *pre-sença* é demonstrada como sendo distinta da “existência” de algo simplesmente dado. A *pre-sença*, em seus possíveis relacionamentos, já está com todo ente intramundano à mão em alguma ocupação. Este "jeito" de ser recebe o nome de lida ou manualidade.

O ponto desde onde se pode elaborar um questionamento acerca da ciência é a manualidade. Mas ela não é um mero ponto de vista. Ela é a experiência imediata da *pre-sença* relacionando-se com as coisas. Nela exterioriza-se o modo de ser ação da *pre-sença*, ou de como a *pre-sença* se ocupa em seu mundo. Dentre todos os modos de ocupação possíveis, é a manualidade que detém um certo privilégio: ela mostra na imediatidade da lida cotidiana o comportamento típico da *pre-sença*, antes de qualquer teoria, antes de qualquer formulação subjetiva ou objetiva, antes de qualquer elaboração metafísica ou epistemológica. Na manualidade a predominância cabe à própria ação *sendo, agindo, lidando*, de tal forma que ela não é um modo de ocupação dentre outros mas o ser ocupação que está presente em todas as ações ou modos de ser possíveis da *pre-sença*. Seu modo de ser "resiste" e "subsiste", isto é, *existe* à revelia de todas as tentativas objetivas ou subjetivas que procuram determiná-lo, classificá-lo, enquadrá-lo, dominá-lo. Todas as tentativas objetivistas ou subjetivistas - científicas -, junto com todos os seus progressos são, de certa forma, tardias. Nelas estão presentes possibilidades de ação que procuram conhecer fenômenos que já estão pré-orientando esta mesma procura.

A instrumentalidade expressa o modo de ser do que está a mão, e que na mão não é coisa em si, mas um ser para algo. Este modo de ser *desconhece* de antemão o ente como um ser simplesmente dado. O que significa isto? Significa que o ente manual existe numa conexão com... outros entes. Significa que uma coisa “dada”, desde o ponto de vista da mão que a manuseia, não tem nenhum sentido. Não há nada fora da perspectiva da manualidade, do uso. O mundo cotidiano é uso. Na visão da manualidade, algo está à mão para esta ou aquela atividade. O ser disto que está à mão, do manual, encontra seu sentido não em si mesmo como coisa, mas desde a atividade que está sendo feita. É impossível desvincular o manual da atividade a que ele serve. É por isso que algo à mão *pode ser* (e "é") sempre algo outro, *sendo* num sentido diverso, conforme a serventia em curso. O contexto de trabalho, de lida, onde o manual está inserido e para onde ele está sendo orientado, "informa" o ser de cada manual. É a serventia que determina o “valor” de cada manual. *A priori*, o ente manual é somente para... *A posteriori*, isto é, levando em conta uma determinada serventia, a observação classificadora, "o conhecimento", pode dar um nome a este manual - por exemplo "tesoura" - e descrever sua atividade autonomamente. "Tesoura"

é o que serve para cortar... tais elementos. Mas, é somente isso o ente manual? Não. Ele também serve para não cortar e ficar "quieto num canto", para furar, "para impressionar pela forma e tamanho", para recordar algo num museu, para vender, etc. Classificar não significa uma completa objetivação e controle da serventia, mesmo quando a fabricação dos instrumentos de uso seguir esta intenção. A manualidade, como modo de ser para..., permanecerá uma pressuposição essencial, um modo de ser com o qual a *pre-sença* já sempre contou e conta em seu ser-atividade. Assim, é desde a lida, desde a ação, que cada instrumento, cada vez, encontra seu ser, sua "essência", como ser para... . A possibilidade de serventias pode sempre surpreender as mais diversas tentativas de classificação ou fixação dos usos.

Aqui, a compreensão do manual como coisa em si não tem sentido, não tem lugar, não se "encaixa". O ser do manual não é dado, mas é construído, cada vez, no tempo da atividade. Nesta perspectiva, uma "coisa em si existente", serviria para quê? Manuseando, lidando, o ente está, em seu caráter de inserido, completamente esquecido como coisa. Isto de tal forma que um ente destituído do conjunto onde está, junto com os outros manuais aos quais está remetido é, para a manualidade, impossível. Não há ente fora de seu contexto de remissões. O manual é conjuntural. "O caráter remissivo da conjuntura, (...) indica que, (...) *um* instrumento isolado é impossível"². Desta forma, não interessa à manualidade a existência dos entes como seres em si existentes destituídos de seu caráter imediato de uso.

Procuremos salientar esta diferença comparando lida e ciência.

"Com a descoberta do 'mundo circundante', a 'natureza' assim descoberta vem ao encontro. Pode-se prescindir de seu modo de ser à mão e determiná-la e descobri-la apenas em seu modo de ser simplesmente dado. Nesse modo de descobrir porém, a natureza se vela enquanto aquilo que 'tece e acontece', que se precipita sobre nós, que nos fascina com sua paisagem. As plantas do botânico não são as flores do campo..."³.

Dois modos possíveis de ser, de ocupação, de ser-no-mundo, são apresentados. Um é o da manualidade e o outro é o da ciência. Eles não mantêm exatamente uma oposição entre si, pois não estão no mesmo plano. Mas há um conflito. Na manualidade o mundo circundante (*Umwelt*), a "natureza", já foi sempre experimentada como algo concreto que está à mão à luz de determinados usos. Os fenômenos naturais são ou já foram

² HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Ed. Vozes, Petrópolis, 1988, parte II, § 69a, p. 152.

³ Idem. *Ibidem*. Parte I, § 15, p. 112.

vistos à luz de determinados usos. Em seu poder de destruição, o raio mete medo, e por isso, cobra do homem cuidados, como a construção de um abrigo, ou a tomada de determinadas providências como não caminhar em campo aberto durante uma tempestade. O raio não existe desvinculado de quem o teme. Da mesma forma a "terra", que como campo cultivado, pede cuidados. O agricultor que toma sobre si estes cuidados não a experimenta, não a vê como composição de minerais, como planeta ou como alguma paisagem de cartão postal. As potências da natureza podem ser apreendidas como benéficas ou maléficas e, por isso, exigem do usuário a construção de diques, canais, abrigos, etc. Elas são algo "bom" – propiciadoras de calor, conforto, alimento, etc. – ou "mau" – causadoras de cataclismos, secas, resistem ao domínio humano, etc. "Bom" e "mau" são compreensões que nascem a partir destes usos. Consequentemente, podemos perceber que a natureza se apresenta à *pre-sença* não como "conceitos" mas como o que serve para... . O mundo "natural" se revela em seu ser segundo diferentes modos de apropriação. Cada uso descobre a natureza de um modo. Não há uma "uniformidade" de significado. Há sempre uma constante atitude de atenção diante do tecer e acontecer do mundo circundante. Não há uma natureza em si existente antes de uma possível serventia. De imediato, antes de tudo, o uso já fez uma apropriação-interpretação da natureza. Mas esta não é a única possibilidade de descoberta da "natureza".

3. O comportamento científico.

A natureza também pode ser descoberta e daí, também usada, numa outra perspectiva, a do cientista. Para tanto é preciso que tenhamos em mente uma certa inversão em relação ao uso. A ciência, a moderna, não é um acaso, mas uma possibilidade histórica de encontro com a "coisa natureza". Não cabe aqui uma descrição deste desenvolvimento histórico nem de alguns de seus métodos. Interessa-nos em especial seu procedimento geral para podermos visualizar uma certa diferença de atitude em relação à lida.

Como é possível o encontro científico com o ente "natureza", segundo o texto acima? Somente *prescindindo* do modo de ser da natureza à mão, de sua serventia segundo a manualidade, é que é possível "determiná-la e descobri-la apenas em seu modo de ser simplesmente dado". Prescindir é não levar em conta, desconsiderar. O que é que deve ser desconsiderado? O caráter de relação imediata com o mundo, típico da lida. O cientista, ao desconsiderar este modo de ser, se depara não com "nada", mas com algo ali, sendo, existindo, de uma forma estranha à lida: é o ser simplesmente dado (*etwas Vorhandenes*). Algo é tomado como já estando aí independente do uso. Mas o cientista não permanece diante deste algo dado. A ciência é

também ação, é também um "lidar" com entes, mas de um modo diferente da manualidade.

A tarefa científica consiste na construção ou fabricação de um novo modo de apropriação que, seguindo uma orientação de fundo, torna cada vez mais claro para si a constituição do ente "natureza" e do ser do investigador, num processo infinito de conexões calculáveis de antemão. Que orientação é essa? Em linhas gerais, é a possibilidade de descobrir a realidade como o que pode ser calculado, medido, quantificado, ou seja, assegurado. Tudo o que não puder corresponder a este desejo, não vale. O que assim se revela é a natureza do cientista. A ciência descobre o dado da natureza em suas possibilidades já dadas e, simultaneamente, se constrói a si mesma nesta tentativa. Com isso pode-se também dizer que determinar e descobrir a natureza apenas em seu modo de ser simplesmente dado é tomar como ponto de partida uma determinada situação e mantê-la inquestionada durante todo o processo de apropriação. A isto corresponde o caráter *já dado* da natureza. Ele é tido como óbvio, evidente por si mesmo, não trazendo dúvidas. Lembramos a passagem de Kant acerca *do que* descobriram os primeiros cientistas modernos:

"Compreenderam que a razão só entende aquilo que produz segundo seus próprios planos; que ela tem que tomar a dianteira com os princípios que determinam os seus juízos segundo leis constantes e deve forçar a natureza a responder às suas interrogações em vez de se deixar guiar por esta...⁴"

O homem científico mora nas possibilidades desta razão. Ele desenvolve seus conhecimentos do mundo e de si mesmo segundo este modo de ser. A subjetividade moderna é o movimento da razão que descobre o ser do homem como "sujeito" e o ser do mundo como "objeto". Isto não é nenhum subjetivismo, mas o modo de ser de uma época. A razão não se deixa mais conduzir pela natureza - pelo mundo circundante - mas assume sobre si a tarefa, por meio de métodos racionais construídos para este fim, de determiná-la em seu ser objetivo. A partir disso podemos também perceber a dependência desta natureza descoberta pela ciência da "natureza" já dada. Mas descobrir o que está aí *como* natureza científica e determiná-lo em suas possibilidades mensuráveis, já é um exercício da razão, razão que já envolveu sujeito e objeto em seu projeto. A natureza deve corresponder à razão inquisidora, deve atender aos desígnios racionais. Assim ela é revelada em seu ser objetivo. O aspecto dado de todas as plantas será conhecido - medido, quantificado,

⁴ KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Prefácio, B XIII. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 1994, p. 18.

calculado - pelo botânico como "vegetal"; o de todas as pedras como "mineral" ou "rocha".

A ciência, em sua forma moderna, orienta-se pelo ideal da certeza. Mas, o que é a certeza? É a confiança, a fé, na possibilidade de se assegurar, isto é, de prever e de controlar antecipadamente o ente. Isto só se tornou possível, na modernidade, mediante a utilização das capacidades lógico-racionais para o conhecimento da natureza. O objeto que nasce deste processo não corresponde às coisas que cotidianamente usamos nem às coisas simplesmente existentes. Ele co-nasce no trabalho mental ou intelectual, típico da racionalidade moderna, que determina objetivamente a constituição de ser do sujeito e do objeto. A partir desta dualidade objetivamente construída e inquestionada em seu direito de ser, todo o esforço da ciência moderna reside na determinação e controle da realidade segundo esta compreensão, ou, por outra, de tornar a realidade, a totalidade do ente, cognoscível segundo este modo de ser. Mas, o que pode significar *uma* possibilidade *simplesmente* dada? Trata-se, aqui, de um modo possível de apropriação ou de cálculo, de como o ente deve se apresentar. Já se conta com um determinado ângulo desde onde o ente pode ser objetivado: o dado como "rocha" para o minerólogo; o dado como "elemento químico" para o químico. Ali mantém-se como pressuposta e inquestionada a situação desde onde provém o ente assim objetivado.

Cabe ao cientista enquadrar o "ente" dentro de esquemas que seguem determinados métodos, objetivando-o, para que o ente se torne acessível a todos numa cadeia infinita de generalizações. Este enquadramento serve-se da linguagem, interpretada racionalmente como lógica, para determinar o ente em sua veracidade, na forma das sentenças lógico-universais. A validade do ente-objeto está na "forma" sentencial, exata e segura, válida para todos, de como ele foi apropriado pela razão cognoscente e, conseqüentemente, de como deve se mostrar. Esta forma torna-se lei uniforme para todos. As mudanças e revoluções científicas não alteram esse ideal. Cada campo de investigação científica objetiva, esquematiza, a verdade do ente, segundo seus métodos. O que há de comum é que a natureza precisa ser continuamente racionalizada. As plantas do botânico não são, nem podem ser, as flores do campo, porque o modo de acesso ao ente transformou-se. Somente tem valor o que pode ser apreendido segundo os métodos científicos e, daí, medido, classificado, esquematizado, manipulado, isto é, controlado. Isto corresponde ao projeto interpelador da natureza, onde esta se mostra e só pode se mostrar em conformidade com as possibilidades científicas. Todo o resto torna-se pré-científico e, portanto, pouco confiável. O esquema hipótese-comprovação-lei serve como exemplo desta atitude.

4. Buscando o lugar existencial da ciência.

Moramos na era da ciência e da tecnologia. A ciência, que é uma atividade e que pertence à *pre-sença* como possibilidade, converteu-se no modo por excelência de ação e de conhecimento do mundo. Consequentemente ela transformou-se em algo óbvio, evidente, o ar que respiramos em nossa época. Mas já sentimos que este ar não revigora impunemente nossos pulmões... Será ela a única e exclusiva possibilidade do homem existir em nossa época? Se não, que lugar ela ocupa na vida humana? Quando a ciência se torna uma questão, surge a necessidade de perguntar pelo seu direito de ser, pela sua gênese. Recorramos a *Ser e tempo* no intuito de esclarecermos melhor esta situação.

A *pre-sença* é ser-no-mundo. A *existência* deste ente, que é sua essência e que não coincide com a existência dos seres simplesmente dados, é definida como "ter de ser" e como "o ser, que está em jogo no ser deste ente ("da *pre-sença*")", é sempre meu"⁵. Esta situação ativa implica que a *pre-sença* deve ser compreendida não como quiddidade, mas como "cada vez minha". A descrição da vida cotidiana da *pre-sença*, por meio da lida, procurou apresentar a textura da existência. Nela, *pre-sença* e mundo existem, cada vez, numa unidade relacional. Nem antes, nem depois. Ali, a dualidade *pre-sença*-mundo expressa, antes, a tensão da existência. Sob esta perspectiva a ciência também pode ser vista como uma ocupação possível da *pre-sença*. Pois na ciência a *pre-sença* também existe num modo de se ocupar com os entes, isto é, de ser. Em *Ser e tempo*, o direito de ser da ciência que, como modo de ocupação, encontra seu fundamento na própria existência, é expresso na necessidade de elaboração de um conceito existencial da ciência: "O conceito existencial compreende a ciência como modo da existência e, portanto, como modo do ser-no-mundo, que descobre e abre o ente e o seu ser"⁶. Nesta compreensão a ciência é interpretada em seu ser desde a existencialidade da *pre-sença*. *Mas não é assim que o cientista da positividade científica interpreta a ciência e o próprio ente*. A ciência compreende-se tomando como ponto de partida a existência simplesmente dada das coisas, isto é, prescindindo da textura da existência. Esta compreensão é, também em *Ser e tempo*, definida, no geral, como "lógica" e que "compreende a ciência no tocante a seus resultados, determinando-a como 'um sistema de fundamentação de sentenças verdadeiras, isto é, de validade universal'"⁷. Desta forma houve, na atitude do cientista, um esquecimento da relação primária existencial da *pre-sença*, em prol da relação lógico-objetiva entre seres simplesmente dados.

Na atitude do cientista não foi simplesmente o modo de conhecer a natureza que se modificou. Modificou-se o modo

⁵ HEIDEGGER, M. *Op.cit.*, parte I, § 9, p. 77-78.

⁶ Idem. *Ibidem*, parte II, § 69b, p. 157.

⁷ Id. *Ibid.*

como o homem se compreende a si mesmo. O comportamento científico não tem, em geral, olhos para ver esta mudança e nem precisa. Ele funciona ali dentro. Apenas a possibilidade do questionamento, como um outro modo de ser da *pre-sença*, toma para si esta tarefa de pensar, no caso, lida e ciência. Não para buscar novas respostas, mas para tornar claro para si uma tensão fundamental.

A natureza manual, que continuamente muda, não interessa à ciência. Seu aspecto sempre mutável é substituído pela objetivação uniforme, isto é, pela determinação do dado que se oferece ao manejo da ciência. O cientista não permanece diante do ser dado da natureza de uma forma "contemplativa". Isto não pertence nem a ele nem à lida, mas à metafísica que cunhou esta atitude na pergunta pelo ser do ente.

O comportamento científico descobre de uma maneira nova aquilo que era desconhecido pela manualidade e que estava como que escondido nas diversas serventias, estava "sob a mão". O caráter de algo simplesmente dado não interessava à lida. Esta tinha (tem) um modo de ser conjuntural e não conhecia uma coisa em si destituída de remissão. Mas com o cientista é diferente. O "algo" com o que ele se defronta é convertido racionalmente em objeto. Esta possibilidade humana, antes escondida, tornou-se efetiva em sua cor moderna. Para o cientista há algo a mais "sob" o dado, isto é, a possibilidade de conhecê-lo como construção da razão. As possibilidades desta descoberta são infinitas, mas sempre contam com algo "dado".

Desde a lida não há nada que falte à ação manual e que precise ser acrescido *a posteriori*. Desde o comportamento científico, a natureza, como o que "se precipita sobre nós", como o que "tece e acontece", se vela, subtrai-se, pois ela não mais está no interesse. O vegetal, que serve como "ente temático" para o botânico, distingue-se completamente da planta que um transeunte experimenta, de imediato, ao fazer uma caminhada.

"*Vorhandenheit*, que significa 'pre-sença-próxima', é o caráter do objeto 'ái'. Caracteriza a matéria da especulação teórica, de estudo científico. Assim, a 'natureza' é *vorhanden* para o físico, e as rochas são *vorhanden* para o geólogo. Mas não é assim como um pedreiro ou um escultor recebe uma rocha. A *sua* relação com a pedra, a relação crucial para o seu *Dasein*, é a de *Zuhandenheit*, de uma 'acessibilidade imediata'. Aquilo que é *zuhanden*, literalmente 'em mão', revela-se a *Da-sein*, é recebido e absorvido por *Dasein*, de modos absolutamente constitutivos do 'ái' em que a nossa existência foi lançada e na qual deve realizar o seu ser"⁸.

⁸ STEINER, George. *As idéias de Heidegger*. Ed. Cultrix, São Paulo, 1982, p. 78.

O cientista descobre, constringendo, o caráter dado do ente "natureza". O "dado" é logo compreendido, forçado a se mostrar como a matéria de especulação teórico-prática do cientista. Assim o "dado" aparece como..., é interpretado como... "natureza", "rocha", etc. O "dado" tornou-se o ente temático de uma ciência, o que lhe interessa e que serve de base para todo o seu desenvolvimento, seu objeto. Não podemos ignorar que este objeto sempre é, segundo o procedimento e o progresso de cada ciência, algo intrigante. Ele sofre, por assim dizer, determinações cada vez mais exatas, mais lógicas, de seu ser. Ele se torna cada vez mais "especializado" conforme a própria divisão das ciências em campos cada vez mais especializados. Em todo caso, o que não se altera é a situação do "dado": Há sempre um ente já posto, já aí, um *positum*, que serve de ponto de partida de toda investigação científica. O "dado" é "natureza física" (matéria, massa, etc.) para o físico, "rocha" para o geólogo, "vegetal" para o botânico, "vida" para o biólogo, etc. O caráter de "dado" já foi acionado *como* aquilo sobre o que o físico se detém em seu ofício. A própria atitude científica já pré-descobriu o ente simplesmente dado como "rocha", "vegetal", "elemento químico", etc. Isto é condição de possibilidade para o desenvolvimento de seu projeto de apropriação. O cientista já conta com este ente dado temático. *Vorhanden* é essa coisa "aí", previamente disponível como algo aí sobre a qual desenvolve-se a positividade científica, sobre a qual a razão sempre já pôs a sua perspectiva. O ser simplesmente dado como tal nunca é tema de investigação para o cientista.

Mas como este dado, revelou-se, veio a ser? Foi o cientista que o descobriu pela primeira vez? Mas como isto poderia ser, se o trabalho científico parte necessariamente de algo dado e assumido como ente temático que é continuamente determinado e desdobrado em seu ser pela atividade científica? Não pertence à positividade científica, que já conta com este ente, pensá-lo em sua proveniência.

5. A anterioridade da lida.

Dissemos que para o cientista encontrar o ente-natureza como algo dado e conhecê-lo em suas propriedades também dadas, é necessário desconsiderar o modo como este ente é encontrado à mão. No entanto a atitude científica não eliminou o comportamento manual. Este apenas foi posto para fora do jogo científico. Mas será que, mesmo assim, este comportamento não mantém um certo privilégio em relação ao científico?

A natureza dá-se à *pre-sença* antes de tudo e na maioria das vezes como o que pode ser usado para isso ou aquilo. Para conhecer cientificamente a natureza foi preciso desconsiderar este aspecto e abordar a natureza de um outro "jeito". O dado já foi então percebido como o ente temático de uma ciência. Foi

objetivado. Consequentemente a descrição de suas características dadas em si corresponde à enunciação de suas possibilidades de ser, suas propriedades, ou leis, que podem ser fixadas, isto é, esquematizadas ou generalizadas para todos. Não há nenhuma objetivação se não houver este exercício racional de generalização e mapeamento do objeto. A multiplicidade relacional própria do uso foi substituída pelo conhecimento das propriedades dadas em si dos entes temáticos. Estas propriedades tem como finalidade tornar acessível e manipulável a quiddidade do ente dado, no caso, da "natureza".

Mas não se pode compreender a existência da *pre-sença* desta forma. A *pre-sença* é, essencialmente, possibilidade, poder-ser. No tratamento do ente como dado, dotado de propriedades, não se percebe o que é característico de todo ente "af", o fato de ter sido "dado", o fato de ter vindo a ser. As propriedades já são propriedades de um ente dado. A manualidade, por sua vez, mantém-se no jogo da existência da *pre-sença*, na medida em que o ente, o que é no e desde a lida, é tão somente possibilidade para o uso. A experiência da lida é o modo de se ocupar, de se ater às coisas, antes de tudo. Imediatamente a *pre-sença* é lida. Esta experiência descobre o ente-natureza, por exemplo, como *algo* para determinada serventia e que pode *somente então* ser conhecido como dotado de propriedades, independente de sua serventia, e ser interpelado em seu ser em si para uma infinidade de possibilidades racionais. Antes do "dado" ser determinado em suas propriedades, algo afetou a *pre-sença* no uso de uma maneira não "dada" e indeterminada. Antes de tudo a lida encontrou o ente lidando. Quando este caráter foi desconsiderado, o usado tornou-se acessível como ser simplesmente dado e pôde converter-se em objeto de interpelação. A ciência, lidando com seres simplesmente dados, pressupõe a proveniência do que é "dado", e que não é de ordem científica. É neste sentido que no comportamento científico a experiência manual não desaparece, mas é desconsiderada, e se entranha como possibilidade permanecendo pressuposta. Como podemos entender esta pressuposição?

Heidegger em *Ser e tempo* começa fazendo uma analítica da *pre-sença* em sua cotidianidade mediana, isto é, como a *pre-sença* é antes de tudo e na maioria das vezes. "Antes de tudo" significa: antes da *pre-sença* aparecer sendo nesta ou naquela determinação; antes dela aparecer como essência, como substância, como *res cogitans*, como espírito, como indivíduo, etc. A descrição exemplar desta estrutura prévia da *pre-sença* aparece na lida. Antes de tudo a *pre-sença* é lidando, segundo o modo da manualidade. Pois a lida, não é simplesmente um modo de ocupação, mas mostra *o ser ocupação* que caracteriza a existência da *pre-sença*. A lida é o lugar onde a estrutura existencial da *pre-sença* aflora.

“Deve-se, ao invés, descobrir (a *pre-sença*) pelo modo indeterminado em que, de início e na maior parte das vezes, ela se dá. Esta indiferença da cotidianidade da *pre-sença* não é um *nada negativo* mas um caráter fenomenal positivo deste ente. É a partir deste modo de ser e com vistas a este modo de ser que todo e qualquer existir é assim como é. Denominamos esta indiferença cotidiana da *pre-sença* de *medianidade*”⁹.

Na indiferença da cotidianidade está presente um caráter ativo anterior a toda determinação racional. A ciência, partindo do que lhe foi dado, leva em conta o que lhe foi possibilitado de uma forma "anterior" a toda cientificidade. Como ocupação, a ciência permanece "dependente" daquilo que caracteriza toda ocupação como tal e que foi descrito no modo de ser da lida. Para a ciência desenvolver-se ela precisa levar em conta algo. O quê? O encontro primeiro com a realidade de uma forma não-científica, a abertura de ser e de mundo como possibilidades. Esta base dá-lhe "algo" que pode então ser determinado cientificamente. Pressupondo isto ela se desenvolve. Ela é uma possibilidade de ocupação, mas *secundária*, isto é, ela não ocorre antes de tudo e na maioria das vezes. Mas cada ocupação tem a sua autonomia e a ciência desenvolveu e desenvolve seu "jeito" próprio de lidar. Assim, no ser da ciência, está co-presente a lida, mas de uma forma entranhada, não explícita, oculta, mas atuante como encontro primário com a realidade.

A lida e seu caráter de "mão" é a descrição de um mundo originário, pressuposto pelo mundo construído pela ciência. Vejamos o seguinte exemplo que demonstra a convivência e a diferença entre lida e ciência e a subordinação desta àquela.

“Quando, de manhã cedo, um físico sai de casa para ir pesquisar no laboratório o efeito de Compton e sente brilhar nos olhos os raios de sol, a luz não lhe fala, em primeiro lugar, como fenômeno de uma mecânica quântica ondulatória. Fala como fenômeno de um mundo carregado de sentido para o homem, como integrante de um cosmos, na acepção grega da palavra, isto é, de um universo cheio de coisas a perceber, de caminhos a percorrer, de trabalhos a cumprir, de obras a realizar. A luz fala, sobretudo, de um mundo em que ele nasce e cresce, ama e odeia, vive e morre a todo instante. Sem este mundo originário, o físico não poderia empreender suas pesquisas, pois não lhe seria possível nem mesmo existir”¹⁰.

⁹ HEIDEGGER, M. *Op. Cit.*, parte I, § 9, p. 79.

¹⁰ CARNEIRO LEÃO, Emanuel. “Apresentação”. In: *Ser e tempo, Op. cit.*, parte I, p. 19.

Este mundo originário de relações graças ao qual é possível a existência científica corresponde, enquanto estrutura, ao mundo da lida. A pesquisa científica é um modo da *pre-sença*, como ser-no-mundo, ocupar-se no mundo. A cotidianidade mediana, exemplarmente exposta na atividade manual, expressa o modo de ser *a priori* da *pre-sença*. Para que a ciência apareça é preciso que a *pre-sença* desconsidere sua cotidianidade mediana e se compreenda a partir de um outro ponto de vista. Para que a ciência surja torna-se necessário uma modificação no modo de ser da *pre-sença* manual. Pois quando o manual é reconsiderado, ele é, então, assumido de uma outra maneira. Assim se mostra o caráter derivado da ciência, pois esta pressupõe sempre o que pretende explicar, isto é, ela pressupõe sempre um ente, como este ente determinado chamado natureza, por exemplo, para então pesquisar suas possibilidades de ente dado. Ela, a ciência, é *a posteriori*.

Mas a descrição da lida e o seu lugar privilegiado em relação à ciência revela-nos ainda algo de fundamental. Com isso entenderemos melhor não só a relação lida-ciência, mas também o porquê de *Ser e tempo começar* com a cotidianidade da *pre-sença*.

6. O fenômeno da compreensão.

A lida sempre já compreendeu o ente como o que serve para... O que esta compreensão, em seu modo de ser, sempre já revelou? Revelou que a *pre-sença* já detém uma certa compreensão de si, do mundo, dos entes à mão; revelou que esta compreensão não é categorial, não é lógico-conceitual. Uma pedra, um carro, uma caneta, como seres simplesmente dados são, num sentido um tanto superficial, sem mundo, isto é, são "algo" independentemente de seu caráter remissivo no uso. Mas, em contrapartida, o homem, como *pre-sença*, já sempre foi tocado por um mundo de possibilidades de relações frente às quais se comporta desta ou daquela maneira. Os entes intramundanos são os entes que aparecem para a *pre-sença* neste toque, o toque de já ser-para. E a *pre-sença*, como poder-ser, como livre para..., já sempre se decidiu por uma relação determinada. Ora, antes da *pre-sença* ter descoberto o ente como simplesmente dado, ela já sempre o encontrou numa serventia. Neste sentido já salientamos que o modo primário pelo qual nós encontramos os entes não é o comportamento teórico-científico, mas o uso.

De certa forma, quando nos dispomos ao uso, nós não possuímos previamente um saber explícito de como devemos usar. Não sabemos como usar antes do uso, se por "saber" entendermos a retenção prévia de todo um arcabouço de conhecimentos teórico-práticos que possam conduzir retamente a atividade de uso. É o próprio uso, isto é, a experiência, que nos

fornece um certo saber acerca do ente. Mas como poderíamos nos ater a algo, usar, se, de certa forma já não tivéssemos uma certa orientação de como ir ao ente? Como poderíamos estar direcionados para um mundo de serventias se já não soubéssemos, de alguma forma, como ir para...? Que orientação prévia é essa?

A *pre-sença* já sempre detém em seu ser uma certa compreensão de ser do que está à mão como condição de possibilidade da ação. Esta compreensão prévia não é um saber acerca de algum instrumento como coisa em si. E, no entanto, esta compreensão já está sempre presente no e como possibilidade para o uso. Ela é imediata, repentina, isto é, já aconteceu no ato. Em geral não lhe damos muita atenção, simplesmente porque já sempre a temos conosco em nossas "mãos". Damos mais atenção às coisas, aos entes, que nos afetam. Damos mais atenção às coisas feitas e não ao processo de virem a ser o que são. Mas sem esta compreensão não haveria uso, nem conhecimento teórico algum. Deve-se dizer, também, que esta compreensão jamais se torna objetiva, jamais se torna um conceito lógico, geral, que poderia servir para ulteriores desdobramentos categoriais. E não carece disso. Ela é antes um existencial da *pre-sença* que deve ser percebido em seu modo de ser e não como algum conceito universal. Esta sua inaptidão conceitual não é um defeito. Pertence intimamente à própria ação, ou melhor, corresponde ao ser da atividade. A compreensão, que a manualidade sempre já detém, é um saber pré-conceitual, pré-científico, pré-ontológico que permanece, portanto, velado, pressuposto, sempre esquecido. Há aqui um dado extremamente positivo. O fato desta compreensão fazer numa experiência prévia a todo conhecimento teórico-científico e de ser, por isso, geralmente desvalorizada, não a reduz a um simples resto. O esquecimento disto que já sempre está e foi esquecido pelo conhecimento tradicional é que *Ser e tempo* procurou trazer à tona como questão e não como algum *positum*, como algo dado. A realidade desta estrutura prévia, que age subterraneamente, precisa ser pensada. Por quê? O que esta situação nos mostra de fundamental?

"A relação com o instrumento ou com a natureza é um comportamento em relação ao ente, e o que ali se torna acessível na compreensão citada não é outra coisa que o modo de ser, a constituição de ser do ente. Nós não podemos nos remeter ao ente, ao ente simplesmente dado como ente simplesmente dado a não ser que nós já tenhamos compreendido isto que o ser simplesmente dado significa. Por conseguinte, nós devemos dizer de maneira geral e fundamental: através da compreensão da instrumentalidade que esclarece toda relação com o instrumento, se anuncia o fato de que todo comportamento frente ao ente abriga em si uma

compreensão do modo e da constituição de ser deste ente"¹¹. "Antes do ente, o *ón*, nós já compreendemos o ser"¹².

A lida e a ciência são dois comportamentos em relação ao ente. A seu modo, tornam acessível, cada vez, a constituição de ser do ente. Mas é preciso observar uma subordinação. O comportamento científico, partindo do ser simplesmente dado, evidencia que, para poder assim proceder, é preciso já possuir uma certa compreensão do "dado". Do contrário seria impossível qualquer pesquisa. Esta compreensão prévia é anunciada pela lida. Assim, a possibilidade de compreensão científica subordina-se a uma compreensão anterior que tornou acessível o ente em seu ser pela primeira vez. Salientamos, a partir deste texto, alguns pontos: A) Nós só podemos encontrar o ser simplesmente dado como "dado" se já tivermos previamente compreendido o que o "dado", em cada caso, significa. Esta compreensão prévia não é de ordem científica. O significado do "dado" em cada caso já se tornou acessível de um modo não científico. B) A relação manual-instrumental nos mostra que toda lida com algo também já sempre compreendeu o ser como condição de possibilidade para todo uso e manejo. Mas esta compreensão não carece de tematização, explicitação. A imediatidade da lida permanece como algo pressuposto a toda percepção meramente teórica de entes. Quando o uso é teorizado converte-se em algo "dado". O que a lida nos mostra é antes o com-junto, o ser. A visão conjuntural da lida já sempre esteve na atenção e obediência desta compreensão, pois lidar nunca é a "ação" de um sujeito que se direciona a um "objeto" simplesmente dado. A compreensão prévia do ser, isto é, o ser *sendo* numa ação determinada, revela-se de maneira especial na lida onde manual e contexto de trabalho acontecem simultaneamente (ser-para). C) Esta compreensão, que não aparece de modo explícito, permanece esquecida, velada, mas não é um nada. Ela é sempre orientadora de toda atividade, inclusive da científica, pois esta sempre quer, seguindo seus métodos racionais, assegurar-se do ente em seu ser. Mas na lida, no uso, ela sempre se revela como uma possibilidade para..., que já se apresentou. D) A ciência, ao descobrir (constranger) e explorar as possibilidades simplesmente dadas do ente "natureza" leva necessariamente em conta, sem disto se tocar, que o ente dado, para poder ser abordado desta maneira, já deve ter sido pré-compreendido de uma maneira pré-científica. Esta pré-compreensão, que permanece impensada na ciência, sempre já orientou todo acesso e determinação do ente. Antes de qualquer ocupação determinada, a *pre-sença* já sempre se compreendeu como ocupação.

¹¹ HEIDEGGER, M. *Interprétation phénoménologique de la 'Critique de la raison pure' de Kant*. Ed. Gallimard, Paris, 1982, p. 43.

¹² Idem. *Ibidem*.

O uso nos mostrou que a *pre-sença* sempre já compreendeu o ser de uma maneira pré-ontológica, pré-científica, e que sem esta compreensão prévia do ser, seria impossível compreender o ente como ser simplesmente dado, como algo dado. Seria impossível encontrar o ente como dado e explorá-lo nesta possibilidade se, de alguma maneira, já não tivéssemos conosco uma compreensão do ser. Seria impossível encontrar um ente como "rocha" se já não tivéssemos um saber acerca deste ente. Desta forma o ente, o que sempre encontramos, já sempre nos foi dado de uma determinada maneira (um *como*), num modo de ser, numa interpretação. Mas este modo de ser, o ser do ente que está aí, não foi acrescido *a posteriori* pelo investigador, pelo cientista, por exemplo. Ele é prévio, mesmo quando não considerado desta maneira pelo investigador. E o ser, *esse ser cada vez*, que é sempre ser de um ente, e não um gênero, uma idéia geral acerca dos entes, já foi sempre compreendido previamente de alguma maneira. A *pre-sença* é compreensão. Temos *este* ente, porque, previamente, já compreendemos seu ser. Na lida, o que *lida* ou *age* de uma maneira exemplar, não é um "ente" como coisa em si, mas o ser, o jogo, o com-junto. O trabalho de esclarecimento acerca do significado deste ser ou de seus fundamentos, é posterior. A mão já sempre soube como pegar ou não pegar adequadamente algo. O ente visto como "natureza" pelo cientista só pôde ser pego, e assim abordado em seu modo de ser, porque antes esta compreensão se tornou possível, foi-lhe dada de uma maneira pré-científica para poder dizer: *isto aí* é que será explorado! Esta compreensão permanece sempre velada. Mas isto não quer dizer que ela não exerça uma certa força, uma certa pressão, um certo desejo de querer aparecer. Quando nos deparamos com o ente, ali dado, a memória deste esquecimento prévio do ser nos assola. No "pré" da *pre-sença*, que é compreensão-interpretação, há uma ressonância desta situação. Queremos compreender: o que é o ente? Mas já o pré-compreendemos. Já compreendemos o ente em seu ser para poder vê-lo, tocá-lo, de alguma forma. No entanto, não de forma explícita. A compreensão que a partir daí se elabora acerca do ente, seja de que tipo for, está já sempre subordinada, pré-orientada, a uma compreensão prévia do ser. A explicação pressupõe sempre o que quer explicar, pressupõe um "o quê", que aí está, e também pressupõe um "como" o que aí está, está. Pressupõe, cada vez, *o ente em seu ser*. Assim, segundo o nosso interesse, todo o esclarecimento acerca da origem do ente como ser simplesmente dado, de onde parte a atividade científica, sempre acarretará uma exposição, uma demonstração, da compreensão prévia do ser, ou seja, das estruturas prévias que, como fenômenos, sustentam o ente em seu ser. A descrição da lida cotidiana atende a esta necessidade. Seria impossível saber algo acerca do ente se, de antemão, já não soubéssemos algo do ser.

7. Conclusão.

Apresentamos assim o sentido em a atividade manual, a lida, tem uma preponderância sobre o encontro com o ser simplesmente dado e sua determinação e descoberta pela ciência. Quando o cientista encontra o ente como "dado", este encontro só foi possível na base de uma determinada compreensão do ser que lhe permanece oculta. O modo como a *pre-sença* se mostra antes de tudo e na maioria das vezes, por meio da lida, nos serviu como orientação a fim de visualizarmos esta situação e localizarmos, existencialmente, este horizonte do ser desde onde se pode desdobrar a atividade científica.

Bibliografia:

1. CARNEIRO LEÃO, Emanuel. "Apresentação". In: *Ser e tempo*, parte I, *op. cit.*
2. HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Ed. Vozes, Petrópolis, 1988, parte I e II.
3. _____. *Interprétation phénoménologique de la 'Critique de la raison pure' de Kant*. Ed. Gallimard, Paris, 1982.
4. KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Prefácio, B XIII. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 1994.
5. STEINER, George. *As idéias de Heidegger*. Ed. Cultrix, São Paulo, 1982.
